



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, a Tabajara Ruas e Tarcísio Filho, para o documentário “Brizola: Tempos de Luta”

Palácio do Planalto, 30 de maio de 2007

Jornalista: Além do documentário, esse projeto tem uma exposição itinerante que está agora em Campinas, já esteve em Porto Alegre, vai rodar por oito capitais e mais uma série de pequenas cidades. A iniciativa não é nossa, mas a gente foi contratado para fazer o documentário e está acompanhando.

Presidente: Muito bem.

Jornalista: Está ficando bem legal.

Presidente: Estou pronto.

Jornalista: Bom, Presidente, então eu vou puxar pela sua memória. Se, inicialmente, você e o Brizola foram companheiros na época da luta pelas Diretas e estiveram dividindo palanques, dali para frente se enfrentaram em uma eleição direta e foram companheiros em uma posterior. Que imagem o senhor tem de Leonel Brizola?

Presidente: Antes disso, eu preciso contar um caso. Eu era muito menino ainda, tinha por volta de 16, 17 anos, em 1961, 1962, e eu morava em um bairro em São Paulo, na Vila Carioca. Tinha o pai de dois amigos meus, importante na Vila Carioca, e a gente ficava naquela rodinha de dez, doze, quinze moleques, e ele vinha nos contar coisas da política. Ele ouvia, acho que a Rádio Nacional, então ele falava muito do governador Brizola e falava muito



do governador Miguel Arraes. Depois, o meu irmão mais velho, o Frei Chico, que era do Partidão, também falava muito do Arraes e do Brizola. Então, já nesse tempo, eu ouvia falar do Arraes e do Brizola, depois da Campanha da Legalidade, depois da resistência do Brizola, da prisão do Arraes, da saída do Brizola do Brasil. Mas, já nesse tempo, eu ouvia falar de Brizola.

Depois, eu fui trabalhar e entrei na minha rotina normal, em que não tinha interesse por política, quando – eu não sei se foi em 1978 ou 1979 – ia ter um encontro em Lisboa. O Brizola estava convocando algumas pessoas e vieram me convidar para ir a Lisboa. Na época, eu não fui por uma razão: eu era muito crítico à estrutura sindical criada por Getúlio Vargas. Eu nasci numa corrente sindical em que a gente dizia que a estrutura sindical era a *Carta de Lavoro*, de Mussolini e, portanto, eu não ia... que era preciso lutar contra a estrutura sindical, mudar a estrutura sindical, e eu não quis ir. Eu sei que houve a reunião em Lisboa, depois o Brizola voltou para o Brasil.

Um belo dia, o Brizola foi ao Sindicato de São Bernardo me visitar. Eu era presidente do Sindicato, ele foi lá, eu juntei um grupo de ativistas, houve até um certo entrevero, porque como a nossa cultura sindical era a cultura da luta contra a estrutura sindical, houve um atrito entre alguns companheiros e o Brizola, divergências e disputas. Depois vieram as eleições de 1982, o Brizola foi candidato a governador do Rio de Janeiro e teve uma estupenda vitória. Naquele tempo, ele derrotou não apenas os adversários, mas derrotou a tentativa de manipulação contra a eleição dele, o Brizola foi eleito governador. Nós, então, não tivemos mais muita relação. Eu só tive uma relação com o Brizola governador, quando o Mário Soares, que era presidente de Portugal, veio ao Rio de Janeiro e o Brizola me convidou para ir lá. Aí eu fui ao Rio de Janeiro, depois eu encontrei com o Brizola na campanha de 1989, já o Brizola como candidato e eu como candidato.

Hoje, passado esse tempo todo, fica mais fácil a gente falar, porque aquela foi uma eleição em que estavam disputando quase todas as figuras



públicas importantes do País. Eu acho que eu era o único novato ali, ou seja, o único azarão ali era eu e, possivelmente, o Collor, que tinha surgido do nada para ser candidato. Naqueles debates, eu ia e ficava, às vezes, até inibido. Sabe quando você se sente um lambari no lago de jaú? Porque ali estavam Brizola, Ulysses Guimarães, Aureliano Chaves, Mário Covas, figuras públicas importantes do País, que eu tinha aprendido a respeitar, tínhamos feito a campanha das Diretas juntos, tínhamos andado por este País afora. Então, eu me sentia o mais fraquinho da turma, o mais lambari.

Aí veio a eleição, e todo mundo sabe o que aconteceu naquela eleição, todo mundo sabe a manipulação que houve e tal. O dado concreto é que eu acho que o Brizola deve ter sofrido porque, desde que voltou do exterior, ele era tido, não só pelas pesquisas, mas pelos formadores de opinião pública, como o futuro Presidente da República. E, de repente, o Brizola não foi para o segundo turno. Fui eu, que era um iniciante da política, e o Collor.

Antes disso, nós tivemos algumas divergências naquele assunto do PT e do PDT. O Brizola foi enganado pela Ivete Vargas e perdeu a sigla do PTB. O Brizola tinha muitas críticas, porque a gente estava criando o PT. Eu, de vez em quando, pensava: o Brizola não tinha percebido que o mundo do trabalho tinha mudado entre a sua saída do Brasil e a sua volta. Em mais de uma década, houve uma revolução neste país, no mundo do trabalho. Afinal de contas, nós crescemos vários anos seguidos a 10%. Ou seja, quem saiu do Brasil, em 1964, e voltou para o Brasil, em 79, e ia a São Paulo e ao ABC Paulista, estava diante de uma revolução industrial jamais vista. E era difícil compreender isso.

Bem, aí tivemos as divergências, mas construímos o PT, o Brizola construiu o PDT, fomos para as eleições de 89, eu fui para o segundo turno e o Brizola não foi. Aí, eu tomei a decisão de ir à Avenida Atlântica, ao apartamento do Brizola, conversar. Cheguei lá, tinha uma multidão na porta do Brizola, fomos eu e a Benedita – acho que fui eu e a Benedita, acho que foi. Não, fui



eu, a Benedita e o José Dirceu. Aí, cheguei lá e estavam o Brizola, o Brandão Monteiro, que já é falecido também, e o Vivaldo Barbosa, em um clima muito tenso, um clima realmente tenso.

Então, uma hora, o Brandão Monteiro falou assim para mim: “Lula, fica tranqüilo que essa tensão deve acabar logo”. E a multidão lá na praça, gritando. Aí, o Brizola me fez uma proposta da qual hoje eu até posso rir, mas naquele tempo eu fiquei muito nervoso. O Brizola falou assim para mim: “Bom, Lula, entre mim e você houve um empate técnico, foram só 500 mil votos. A minha sugestão é que eu retire a minha candidatura, você retire a sua, e vamos trabalhar o terceiro colocado, que é o Mário Covas”. Aí eu falei: Brizola, espera aí. Isso aqui não é pesquisa, não, isso aqui é resultado eleitoral. Se o povo quisesse votar no Mário Covas, teria votado. Ele ficou em quarto lugar, como é que a gente vai desistir? Depois, você não tem que desistir mais, ou seja, você perdeu para mim. Então, eu estou aqui para dizer para você: eu quero o teu apoio, quero construir um programa para o segundo turno junto e quero trabalhar junto.

Nós discutimos um pouco a questão sindical e aí veio o gesto de que Brandão tinha me falado. Quando o Brizola compreendeu... porque houve uma outra coisa importante: o Brizola fez uma campanha com tanta convicção de que ia para o segundo turno, com tanta convicção de que ia ganhar, que ele dizia em todos os palanques o seguinte: “Se eu perder, eu vou apoiar o Lula. E, por isso, eu quero que ele me apóie, se eu ganhar”.

Então, o que aconteceu? Quando eu fui conversar com o Brizola, 75% dos eleitores do Brizola já tinham feito a opção. Eu citei esse número para o Brizola e falei: Brizola, agora não dá para frustrar a expectativa que você mesmo criou. Se você tivesse ido para o segundo turno, eu estaria na tua situação agora. Agora, Brizola, não tem jeito, nós temos que estar juntos. Fomos discutindo a história, e aí veio o gesto de que o Brandão tinha me falado, ou seja, o Brizola pegou na minha mão, foi à janela e levantou a minha



mão. A multidão que estava lá fez uma ovação extraordinária, foi um momento emocionante, foi um momento marcante. Passamos a andar pelo Brasil – eu, o Brizola, o Miguel Arraes – e foi uma eleição que eu não sei... eu já ganhei duas eleições depois daquilo, e perdi duas também, mas foi a eleição mais emocionante de que eu participei na minha vida. Eu não sei se alguém terá o prazer de viver as emoções que eu vivi naquela campanha de 1989. Eu, às vezes, fico me lembrando de que ela foi mais importante na minha vida do que a que eu ganhei em 2002 e a que eu ganhei em 2006, porque foi um marco muito forte. E a gente ainda tinha uma música cantada pelo Chico, pelo Gil, pelo Caetano, pelo Djavan, que era quase um hino à liberdade deste país. Depois eu demorei para me recuperar quando perdi aquelas eleições.

Bem, aí eu fui conversar com o Brizola, fui em Resende, na casa do hoje secretário do Rio de Janeiro, acho que o Noel. Eu fui à casa do Noel. Outra vez estavam lá o Brizola, o Brandão Monteiro e o Vivaldo, e fomos eu, José Dirceu e Gushiken conversar com o Brizola. Foi uma conversa muito emocionante. O Brizola, muito emocionado, falava da necessidade da fusão entre PDT e PT, e me abraçou, dizendo que eu ia ser o herdeiro do trabalhismo. Eu falei: Brizola, o problema é que a nossa fusão não pode ser assim, não somos nós dois que decidimos “vamos fundir os partidos e está fundido”. Isso tem que ser conversado com gente do PDT e com pessoas do PT para saber se eles concordam. Alguns não vão concordar, vão sair. O dado concreto é que, depois daquela reunião, nós fizemos uma outra reunião em Itaipava, no sítio do Brizola, em que ele fez um carreteiro – eu nunca comi nada igual na minha vida – e a gente esteve muito próximo. Eu acreditei, em vários momentos, que a gente ia ficar junto, partidariamente, para sempre. Bem, depois não deu certo.

Aí veio a campanha de 1994. A campanha de 1994 foi outra campanha difícil, porque em março de 1994 eu tinha 43% de intenção de votos, e o Brizola estava lá embaixo. Outra vez, gente do PT tentou articular com o Brizola para ele ser candidato. Aí nós o convidamos para ser o vice e ele não



quis, disse que ia ser candidato. Eu me lembro de uma conversa que eu tive com o Mangabeira Unger, que morava em Harvard e era uma pessoa muito ligada ao Brizola. Eu fui conversar com o Mangabeira Unger, na casa dele, fui jantar, e ele tentou me convencer de que o Brizola ia ganhar aquelas eleições. Eu dizia: Mangabeira, me convença dessa tua análise.

Por conta disso, sabe o que foi feito no Brasil? Foi mudada a legislação eleitoral. Fizeram uma lei acreditando que se tirassem as imagens externas da campanha e o Brizola tivesse três minutos sozinho na televisão, ele ia conseguir convencer a sociedade brasileira. Esse era o interesse dos companheiros do PDT. Os companheiros do PSDB, na época, resolveram – e o Serra tinha participado disso – tirar as imagens externas, achando que eu ia mostrar quase 40 horas de fita, que eu tinha gravado com as caravanas da cidadania, então, que não era importante mostrar. E fomos para aquela campanha – o lançamento do Plano Real, um sucesso extraordinário –, eu caio de 43% para 24%, o Brizola ficou com 2% ou 3%. Foi um desastre aquela campanha. Foi a pior campanha que eu fiz na minha vida.

Bem, depois voltamos outra vez a trabalhar juntos, eu e o Brizola. Depois, aquela campanha do parlamentarismo, juntos. Aquela campanha do parlamentarismo era engraçada, porque em todo comício tinha uma briga entre o Brizola e o PCdoB. Era um negócio inacreditável. De qualquer forma, o Brizola tinha razão, ou seja, no PT nós cometemos um erro histórico. A direção do PT era favorável ao parlamentarismo, eu era favorável ao parlamentarismo, e nós nos submetemos a um plebiscito interno: 85% dos petistas eram favoráveis ao presidencialismo. E qual era o argumento deles? “Agora, que você pode ganhar, vai ter primeiro-ministro? Não, agora você tem que ser o presidente.”

Aí vieram as eleições de 1998, outra eleição muito difícil. Nós fizemos aliança com o PDT. Na época, eu achava que o Brizola deveria ser candidato ao Senado, fui conversar com o Brizola, mas ele disse “quero ser candidato a



vice”, e foi candidato a vice. Aí aconteceu um problema: foi uma eleição difícil porque o Plano Real ainda não tinha sofrido desgaste e o povo não tinha compreendido a política cambial, e ainda o Fernando Henrique Cardoso fez o único discurso que era possível fazer, dizendo: “Bom, o primeiro mandato foi para estabilizar, o segundo é para crescer e gerar empregos”. Era normal que as pessoas acreditassem nisso.

Sáímos candidatos, eu e Brizola juntos, o Ciro do outro lado. Acho que por 2% nós não tivemos segundo turno. Mas foi uma campanha difícil, não foi uma campanha fácil, uma campanha sem dinheiro, uma campanha com um discurso um pouco atravessado. Campanha é muito difícil. Quando você não encontra o mote, quando você não encontra o caminho do discurso, é um negócio muito ruim. E a verdade é que eu e o Brizola, naquela campanha, ficamos sem discurso. Essa é a minha visão. É uma pena que ele não esteja vivo para a gente perguntar “você também ficou?”, porque nós ficamos sem discurso, então, foi uma campanha muito difícil.

Bem, perdemos as eleições e terminamos a campanha com uma relação muito boa, eu e o Brizola. O que aconteceu? Em dezembro de 1998, o Fernando Henrique Cardoso me chamou aqui, e ele tinha ligado para minha casa cinco vezes, o meu filho atendia e não acreditava que era o Presidente que estava ligando. Quando foi um dia, o meu filho falou: “Pai, tem alguém passando trote. Tem um tal de Fernando Henrique Cardoso ligando para cá, dizendo que é o Presidente, e que quer conversar com você”. Aí, eu peguei e liguei: era o Fernando Henrique Cardoso. Ele queria conversar comigo e eu tinha um encontro do PT aqui em Brasília. Eu relutei se vinha conversar ou não, mas o Fernando Henrique Cardoso me falou: “Se você não puder vir aqui, eu vou tomar café com você no hotel amanhã”. Eu resolvi vir aqui, eu e o Cristovam, às 10 horas da noite.

Aquilo criou uma bronca no Brizola, ele me chamou de traidor, me chamou de um monte de coisas, e eu tinha por hábito não responder ao



Brizola. Por quê? Primeiro, porque eu acho que qualquer pessoa neste país pode ter a divergência que quiser do Brizola, mas eu acho que poucas vezes este país produziu um homem de bem como o Brizola, um homem de caráter, um homem honesto, que tinha os defeitos que todos nós temos, e o maior defeito dele era acreditar nele mesmo, era ser um cara incisivo, um cara que acreditava em tudo. Às vezes errava, como errou quando aceitou ser candidato a prefeito do Rio de Janeiro, mas ele acreditava e ia.

Houve problemas, nós ficamos em uma situação meio complicada, eu já não era mais presidente do PT, e foi uma situação adversa. As nossas alianças foram se rompendo nos estados também, no Rio Grande do Sul não deu mais aliança, foi lamentável. Eu, agora, estou me aproximando do PDT outra vez, ele está participando do governo, porque eu acho que nós precisamos reconhecer, com divergência ou não, a importância do Brizola para a política brasileira. Eu digo sempre, com defeitos e virtudes, porque todos nós temos: foi um grande homem.

Aí veio 2002. Em 2002 o Brizola, num primeiro momento, apoiou o Ciro Gomes. Aquela campanha de 2002 foi engraçada porque eu tinha consciência de que ia ganhar. Eu nunca pensei em perder aquela eleição. Sabe aquela conquista antecipada? É aquele negócio: chegou a minha vez. Em nenhum momento, o fato de termos ido para o segundo turno... eu cheguei no meu Comitê à meia-noite, todo mundo triste porque tinha ido para o segundo turno, e eu falei: levanta a cabeça, gente, que foi apenas um aviso para nós, que nós temos que trabalhar mais. E o Brizola, no segundo turno, decidiu nos apoiar. O PDT, na maioria dos estados, nos apoiou.

Eu penso que eu devo ter cometido – esses dias eu falei para o pessoal do PDT – alguns erros na minha relação com o Brizola depois que eu ganhei. Eu chamei o Miro Teixeira para ser ministro das Comunicações, o Miro me disse que o Brizola tinha concordado, mas a verdade é que o Brizola passou o tempo inteiro fazendo críticas. Também, porque talvez o Brizola esperasse que



eu pudesse fazer algumas mudanças mais rápidas, e eu tinha todo o cuidado porque eu sabia qual era o mundo em que eu estava pisando. Eu precisava, antes, conquistar uma série de setores da sociedade para poder dar alguns passos importantes. A economia estava quebrada e eu sabia: bom, se eu tiver paciência, eu posso acertar; se eu tiver pressa, eu posso quebrar a cara, e é tudo o que os meus adversários querem, ou seja, que não dê certo, que eu quebre a cara, porque aí, esse negócio de trabalhador ser Presidente da República está fora de cogitação, acabou.

Eu acho que isso criou algum problema na minha relação com o Brizola, o Miro ficou no Ministério até quando quis. O Miro saiu por livre e espontânea vontade, porque quando o Miro saiu do PDT, eu falei: Miro, você precisa procurar um partido para você entrar. Mas ele quis sair e veio a morte do Brizola. Eu até estranhei porque o Brizola era um homem muito forte. Ele sempre me dizia: “Lula, você vai ver, quando você tiver 75 anos, cada ano vale por dez, viu Lula? Cada ano vale por dez, ou seja, as pernas vão pesando mais, o corpo vai pesando mais”. Mas ele era muito forte. Então, foi com muita tristeza que eu vi o Brizola morrer, na minha opinião, de forma precipitada. Eu achava que o Brizola era daquelas pessoas que iam viver até 100 anos, pelo vigor dele.

Mas guardo extraordinária recordação. Guardo a solidariedade, o Brizola era um homem muito solidário. Ele poderia ter divergência com você, mas no momento em que ele percebesse que alguém que fosse inimigo do povo tentasse te agredir, o Brizola vinha na tua defesa. Então, essa grandeza de solidariedade eu não esqueço.

Depois, tivemos bons momentos, viajamos muito no avião. De vez em quando o Brizola dizia coisas que eu não gostava, mas dele e do Arraes eu perdoava tudo. Eu achava que eles tinham o direito de falar, tinham mais experiência política. Eu nem fiquei bravo quando ele me chamou de “sapo barbudo”.



Jornalista: Essa é uma histórica clássica, não é?

Presidente: Eu passei a entender o Brizola. Eu acho que no fundo, no fundo, o Brizola era um homem solitário. Ele era uma figura muito forte, e eu acho que as pessoas tinham dificuldade de se aproximar dele e virar companheiras dele. Eu acho que os companheiros do PDT até estranhavam alguns momentos em que nós, do PT, chamávamos o Brizola de você, e eles falavam do Brizola “engenheiro Leonel Brizola”, “governador”. Nunca tinha uma proximidade: “Brizola, você vai fazer isso? Brizola, você vai fazer aquilo?”

Uma vez eu lembro que nós tomamos um uísque no avião, o pessoal do PDT ficou boquiaberto: “O presidente, Lula, ele nunca bebeu. Beber com você é um milagre”. Ele fez uma crítica a mim, negócio de bebida, na campanha de 89, ainda no primeiro turno, e nós fomos fazer uma carreata. Foi uma carreata maravilhosa, o Brizola tinha uma liderança... eu não sei se alguém já teve uma liderança daquela, aquela Baixada Fluminense era uma alucinação, o povo correndo atrás dele. Mas todo mundo sentado na calçada, com a família e com uma cervejinha gelada. Eu falei: está vendo? Você me criticou pela bebida, vê como é que o povo faz? Aí, o Brizola, sabe o que ele fez? Mandou comprar cerveja, abriu uma lata e nós fomos fazendo sinal para o povo com a cerveja, ou seja, resolveu o problema.

Então, eu tenho uma admiração, um respeito, acho que o Brizola foi uma figura marcante na vida do Brasil. Toda vez que as pessoas falam mal, eu falo: feche os olhos e imagine o que nós seríamos sem eles. Imaginem se eles não tivessem existido, o Brizola, o Arraes, e outras figuras importantes.

Então, é isso. Eu lamento que ele tenha morrido num momento difícil, em que não conseguiu ver o que nós fizemos no governo, essa reaproximação com o PDT. Seria extraordinário que ele estivesse vivo. De forma que a história é assim, ela nunca acontece como a gente quer, às vezes ela acontece em



função de contingências que não estão ao nosso alcance. Eu acho que a morte do Brizola foi um pouco isso. Mas, de qualquer forma, eu acho que o Brasil deve ser grato ao Brizola.

Eu sou de um estado em que as pessoas não gostavam do trabalhismo de graça. São Paulo é um estado em que você não tem uma avenida com o nome de Getúlio. Eu sei o esforço que o Brizola fez para tentar penetrar em São Paulo, mas era muito difícil. E quando surgiu o PT, piorou mais, porque o lado que poderia estar ligado ao Brizola tinha o seu próprio partido. De qualquer forma, eu acho que o Brasil deve agradecer a existência do engenheiro Leonel de Moura Brizola.

Jornalista: Presidente, eu ia perguntar como é que o senhor via a colocação da figura dele na história do País, como ele fica, no panteão histórico nacional?

Presidente: Eu acho que é uma das figuras, talvez a figura mais marcante do ponto de vista da força interior, que ele conseguia exteriorizar como ninguém. Ou seja, ele era um homem obsessivo pelas coisas, ele ia atrás, acreditava. Eu acho que isso foi bom. Foi bom. Agora, o que acontece é que todos nós somos vítimas dos nossos erros, conquistamos glórias com os nossos acertos. Mas eu acho que, entre altos e baixos, o Brizola foi mais alto do que baixo. Está bem?

Jornalista: Muito obrigado.

Presidente: Quero ver vocês editarem em três minutos. Vão fazer um outro documentário.

Jornalista: Belo depoimento, Presidente. Fez uma aula de história aí, para nós.



Presidente: Quem sabe disso tudo é o Vivaldo Barbosa, que participou das duas reuniões.